

Algumas questões político-partidárias e o perfil do eleitorado de Botucatu-SP na década de 50 e início dos anos 60.

Marco Alexandre de Aguiar¹
UNESP - Assis

Resumo: O Brasil está atravessando um processo político de consolidação da democracia. Levantar discussões e reflexões sobre a trajetória da democracia brasileira pode trazer luz sobre problemas e questões que persistem. Situado cronologicamente, na década de 50 e início dos anos 60, este artigo analisa a situação política de Botucatu, cidade do interior paulista. Ao observar, assuntos como fidelidade partidária, perfil do eleitorado botucatuense, estabelecemos uma relação entre questões locais, estaduais e nacionais.

Palavras-chave: comportamento político; Botucatu; fidelidade partidária; democracia.

Some political-party issues and the electorate profile in Botucatu – SP in the fifties and beginning of sixties

Abstract: Brazil is going by a political process of consolidation of the democracy. Discussing and thinking about the trajectory of Brazilian democracy may solve the problems that yet persist. Chronologically in the fifties and sixties, this article analyses the political circumstances of Botucatu, a town in the state of São Paulo. Observing some issues such as party fidelity and the electorate profile in Botucatu, we can establish a connection between place, state and national issues.

Keywords: political behavior, Botucatu, party fidelity, democracy.

A democracia brasileira está vivendo momentos importantes, entretanto ainda não podemos dizer que o país possui uma tradição democrática. A República brasileira passou por ditaduras e períodos em que uma minoria tinha o direito de voto. A chamada República Contemporânea (1945-1964), apesar de algumas restrições, apresentou uma

¹ Doutorando em História (UNESP Assis). Docente da UNIFAC – Associação de Ensino de Botucatu.

certa estabilidade política, no sentido de existir eleições diretas em todos os níveis. Neste sentido este artigo pretende fazer uma reflexão sobre questões político-partidárias deste período, ao comparar o comportamento do eleitorado botucatuense com o eleitorado do estado de São Paulo, e em menor medida com questões políticas de âmbito nacional (Botucatu está situada na região centro do sul de São Paulo. De acordo com dados do IBGE, em 1950 possuía 41.264 habitantes e em 2000 108.112).

Na cidade de Botucatu na década de 50 e início dos anos 60 havia um político de grande influência, Emílio Peduti, uma vez vereador e duas vezes prefeito da cidade. Dono de uma enorme rede de cinemas utilizava-se da exibição de filmes em praça pública para atrair a população para os concorridos comícios. Muitos o consideravam um "tubarão", termo pejorativo utilizado para os políticos com grande riqueza. Dentro da sua característica política, Peduti (PSD) realizava alianças com diversas tendências, inclusive com os comunistas Francisco Ramires e Mário Franco de Godoy. A oposição mostrava a sua liderança através de Plínio Paganini, político do PSP e importante radialista e jornalista.

Essa aliança entre Emílio Peduti, um típico político populista do PSD, e os comunistas, é bastante significativa. Naturalmente não se trata de uma afinidade ideológica. Nas investigações realizadas não encontramos discursos de Peduti fazendo considerações favoráveis ao regime soviético. Peduti ajudava financeiramente e manifestava-se solidário com alguns comunistas, como o ferroviário Francisco Ramires. Este ocupou uma cadeira na Câmara Municipal entre 1948 e 1952, portanto possuía expressão política na cidade. Ramires escreveu um livro enfocando a sua militância política, onde tece vários elogios a Emílio Peduti (Ramires, 1997: 81). Quando Ramires, ou outros comunistas, como Mário Godoy, necessitavam de dinheiro, por exemplo, para realizar suas campanhas a favor da paz ou contra a bomba atômica, sabiam a quem recorrer. O mesmo acontecia quando Ramires precisava de ajuda para se livrar de prisões e de processos. O apoio dos comunistas a Emílio Peduti na campanha eleitoral para prefeito de 1959 contribuiu para a sua vitória.

Após o término da ditadura de Getúlio Vargas em 1945, os comunistas conquistaram a legalidade e o Partido Comunista concorreu nas eleições de 1945. No âmbito nacional sua participação pode ser considerada expressiva: elegeu senador Luís Carlos Prestes, o mais votado do Brasil nesta eleição, além de alcançar na Câmara Federal 17 representantes, dentre os quais Jorge Amado. Entretanto este período de legalidade durou pouco. Em 1947 os comunistas estavam proibidos de atuarem politicamente. Neste

contexto, a atitude dos membros do Partido Comunista consistiu na concretização de filiações com partidos tradicionais, única forma legal de poder disputar cargos eletivos. Assim, em 1948, Francisco Ramires se juntou ao PSP. Eleito vereador se orgulhava quando ele e os suplentes Nestor Nunes de Oliveira e Hermes Valente eram chamados de vereadores de Prestes. O que impressiona no relato de Ramires é a quantidade de vezes que foi preso e torturado, mesmo sendo vereador. A título de ilustração, transcrevemos uma delas. Ao chegar para uma reunião na sede do PSP, Ramires encontrou dois soldados na porta e:

Juntamente com dois tiras, me levou para dentro do carro à base de murros e pontapés. Fui tomando socos até a delegacia. Em lá chegando continuou a pancadaria. Isso demandou uns 45 minutos. Como nada podia fazer em minha defesa, me limitava a chamá-lo de covarde estendendo o restante em xingação. Houve um momento que recebi um tremendo murro que perdi o equilíbrio, e tentando me firmar em pé, levantei os braços para me escorar na parede o que foi o bastante para despencar em cima de mim três tiras, mais o carcereiro que também ali se achava. O delegado cessou de me esmurrar porque cansou (RAMIRES, 1997: 60).

Depois da tortura afirma que saiu zozzo e foi para a Câmara dos Vereadores, pois era dia de reunião. Como chegou todo ensangüentado, o presidente da Câmara, apoiado pelos vereadores, deu-lhe a palavra para que fizesse o seu protesto. Inclusive o primeiro título pensado por Ramires para o seu livro relaciona-se muito com estas experiências de vida. Inicialmente ele pensou em "Porradas e prisões, numa luta de sonhos, desenganos, decepções". Este caso ilustra bem a fragilidade da democracia brasileira no período. Apesar de termos eleições diretas tanto para o executivo como para o legislativo, estas e muitas outras barbaridades aconteciam.

A fragilidade dos partidos políticos

Outro fator relacionado a essa fragilidade da democracia brasileira constituiu-se na existência de partidos políticos pouco representativos. Encontramos a origem dos partidos principais deste período na chamada fase de redemocratização, depois da queda do Estado Novo. Dois grandes partidos, o PSD (Partido Social Democrático) e o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), foram criações de Getúlio Vargas. O PSD herdou muitas características da ditadura estadonovista. Apresentou a maior bancada dentro da Câmara Federal, mesmo no final do período, quando houve uma decadência dos grandes partidos.

Enquanto o PSD apresentava-se como partido da "elite", visando votos urbanos e rurais, o PTB possuía uma característica predominantemente urbana, voltado para a classe trabalhadora, principalmente dos grandes centros, onde a industrialização atraía muitas pessoas.

O PSD e o PTB defendiam uma política nacionalista, contrária à entrada do capital estrangeiro no Brasil. A campanha do "petróleo é nosso" e a criação da Petrobrás em 1954 ilustram bem esse posicionamento. Outro partido importante do período, a UDN (União Democrática Nacional), adotava um posicionamento contrário aos nacionalistas. Defendia o liberalismo. Um político bastante representativo desta agremiação foi Carlos Lacerda, dono do jornal *Tribuna da Imprensa*. Detentor de uma oratória inflamada realizava críticas contundentes aos nacionalistas, principalmente a Getúlio Vargas. A UDN, apesar de defender um discurso democrático, em vários momentos apoiou tentativa golpista. O PSP (Partido Social Progressista) caracterizava-se pelo regionalismo, tendo bastante influência apenas no estado de São Paulo. Um partido muito personalista, enraizado na figura de Adhemar de Barros, praticamente permaneceu ilhado em São Paulo, não conseguindo se projetar nas outras unidades federativas.

Uma tendência política esboçada no período foi a proliferação dos pequenos partidos e o enfraquecimento dos grandes. Além disso, o aumento excessivo de alianças servia muito para confundir o eleitorado e para descaracterizar o teor ideológico dos partidos, uma vez que estas alianças possuíam apenas um caráter momentâneo e não se faziam através de negociações de programas. Pompeu de Sousa, analisando as eleições de 1962, abordou este problema de maneira bem clara e direta:

Introduziu-se uma entidade mortal à unidade e ao próprio organismo dos partidos nacionais, cada vez menos nacionais e até cada vez menos partidos, por força mesmo dessa intromissão: a aliança eleitoral de legendas. Porque o grave de tais alianças é que elas são estritamente eleitorais, ou melhor eleitoreiras: possuem apenas causa, sem produzirem, nunca, efeito ou consequência (SOUZA, 1964: 9).

Na cidade de Botucatu podemos perceber essa excessiva vontade de se aliar, quando observamos, na campanha para prefeito em 1959, uma aliança favorável a Emílio Peduti. Dela faziam parte "apenas cinco partidos" de diversas tendências: PSD, UDN, PR, PDC e PTN. Em relação à fragilidade partidária, Vasco Bassói, presidente da Câmara dos Vereadores por duas vezes no período em questão, num depoimento colhido para esta pesquisa, em julho de 1999, não teve receio em manifestar um desprezo pelos partidos:

Meu primeiro partido foi o PTN, Partido Trabalhista Nacional. Mas naquele tempo, como hoje, não havia fidelidade nenhuma, eram partidos de conveniência. Eu fui do PTN, do PR, e não sei mais. Depois da Revolução, eu fui da ARENA.

Dentro dessa perspectiva, o que na realidade prevalecia eram as atuações de políticos personalistas e a predominância do Executivo em relação ao Legislativo. Quanto aos governadores de São Paulo, podemos afirmar que Jânio Quadros e Carvalho Pinto possuíam afinidades políticas. Participaram de uma mesma arregimentação, o Movimento de Março de 53, lançador de Jânio Quadros e grande responsável pela eleição deste para governador do Estado em 1954. Este Movimento demonstrava um caráter reformista, aconteceu num período de conturbações políticas e se apresentava como possível realizador das reformas necessárias ao país. Colocava-se favoravelmente a uma administração de caráter técnico e burocrático, visando um governo eficiente, sem ficar procurando beneficiar determinadas pessoas, mas sim o conjunto da sociedade. Estas idéias conquistaram uma boa parcela da população, tanto que Jânio Quadros conseguiu eleger seu sucessor ao governo do estado, o professor Carvalho Pinto, e obteve o cargo de presidente do Brasil em 1960, com uma expressiva votação.

Os dois símbolos deste Movimento, a "vassoura" e a frase "revolução do tostão contra o milhão", são bastante ilustrativos. Este último mostra o caráter reformista. Visava uma identificação das camadas menos favorecidas da sociedade. Os mais pobres poderiam possuir esperanças de uma sociedade menos desigual. A "vassoura" serviria para varrer as mazelas da sociedade, através de uma obra moralizadora. Este discurso moralizador e de uma administração mais racional, inclusive Carvalho Pinto alcançou a sua eleição com o lema "Mais administração e menos política", agradava a diferentes segmentos da sociedade. Dentro da visão de Oliveiros S. Ferreira, esta característica do "janismo", de contentar a elite através do discurso da eficiência e também as camadas menos favorecidas, foi a sua força, mas ao mesmo tempo o problema de Jânio Quadros na presidência. Ferreira equacionou assim a questão:

O então presidente de República parece ter-se dado subitamente conta - e qualquer das versões da renúncia não invalida o fundamental desse raciocínio - do caráter bifronte de sua votação desde 1953 e da impossibilidade de manter unidas, em termos políticos, as esperanças dos que tinham apenas o 'tostão' com as dos que tinham o 'milhão' (FERREIRA, 1960: 184).

Após um ato surpreendente e inesperado como uma renúncia, poderia se esperar um "desmoronamento" de quem a realizou, um sentimento de frustração, como se só restasse "ir embora para casa e se retirar da cena política". Todavia isso não ocorreu com Jânio Quadros. Ao contrário, após a sua renúncia, saiu como candidato ao governo do estado de São Paulo em 1962 e concorreu com reais chances de vitória, perdendo por uma minúscula diferença do então "eterno candidato" Adhemar de Barros.

Para Oliveiros S. Ferreira, a população reagiu de duas maneiras à renúncia. Alguns realmente se frustraram e provavelmente deixaram de votar em Jânio Quadros. Outros entenderam como uma atitude "ética" do líder, ao não se deixar corromper pelo "sistema". Assim se explicaria, entre outros fatores, a expressiva votação de Jânio. Nesse início da década de 60, o Brasil passava por um período de acirramento político. Com certeza a renúncia, ocorrida em 25 de agosto de 1961, contribuiu para esse quadro, desenhado desde meados da década de 50. Essa conjuntura política favoreceu a vitória de Adhemar de Barros, que procedia de várias derrotas eleitorais, tanto para governador, como para presidente.

Adhemar de Barros constituiu-se num dos principais políticos de São Paulo no período em questão. Com seu caráter nitidamente populista, ganhou projeção, quando foi nomeado interventor do estado de São Paulo, ainda em 1938. Getúlio Vargas resolveu nomear alguém desconhecido para o cargo, com o claro objetivo de não criar um "concorrente potencial" dentro do estado mais rico do país e também de consolidar sua obra centralizadora. O chamado "pai dos pobres" desejava um "cordeiro", alguém que o obedecesse fielmente. Por um certo período Adhemar de Barros cumpriu o papel, mas com o passar do tempo, começou a investir numa imagem própria. Começou a se apresentar como um excelente administrador e realizador de grandes obras. Marli Guimarães Hayashi enfoca uma preocupação daqueles que cuidaram da imagem de Adhemar de Barros, de mostrá-lo como um trabalhador incansável. Na sua dissertação de mestrado, temos uma descrição dessa característica, envolvendo um jornal paulistano:

Poucos dias depois de assumir a interventoria, o Correio Paulistano divulgava uma nota comentando que em São Paulo já era sabido que Adhemar começava a trabalhar bem cedo e ia até altas horas da madrugada. A fim de comprovar "essa assombrosa capacidade de trabalho", o jornal teria telefonado às 2 horas da manhã ao Palácio e o próprio interventor atendera, afirmando que estava trabalhando desde às 7 horas. Era o início de uma intensa propaganda que o caracterizaria por toda sua carreira política (HAYASHI, 1996: 72).

Dentro dessa mentalidade de se promover, Adhemar de Barros gostava de realizar visitas pomposas, festas grandiosas. Devido a estas características e ao seu crescimento político, Adhemar de Barros perdeu o prestígio junto a Getúlio Vargas e em 1941 acabou sendo substituído na interventoria. Com o fim do Estado Novo é eleito governador de São Paulo em 1947, permanecendo no cargo até 1951. Depois de amargar várias derrotas eleitorais, volta à cena política vitorioso em 1962, principalmente pelo fato de ser o candidato que mais críticas realizou a João Goulart. Colocou-se na posição de defensor da ordem, em oposição a Jango, simbolizado como desordem. Dentro dessa conjuntura, a classe média teria optado por um candidato seguro e sem segredos "como a conjuntura exigia".

Comportamento do eleitorado botucatuense em relação ao governo do estado

Numa tentativa de estabelecer o perfil do eleitorado botucatuense, utilizamos a seguinte metodologia: comparar os resultados das eleições no âmbito estadual com os resultados de Botucatu. Abaixo temos o resultado da eleição para governador no estado de São Paulo em 1962, onde podemos constatar a pequena diferença entre os dois candidatos mais votados, seguido do resultado em Botucatu:

TABELA 1
RESULTADO DA ELEIÇÃO PARA GOVERNADOR (1962)

Candidatos	Votos	Porcentagem
Adhemar de Barros	1.249.414	37,8
Jânio Quadros	1.125.941	34,2
José Bonifácio	722. 823	21,8
Cid Franco	35. 653	1,1
Branços	96. 346	2,9
Nulos	73. 173	2,2
Total	3. 303. 350	—

Fonte: Os resultados das eleições no estado de São Paulo (1962, 1954 e 1958) estão em (Ferreira, 1960: 184, 171, 199).

TABELA 2
RESULTADO PARA GOVERNADOR EM BOTUCATU (1962)

Candidatos	Votos	Porcentagem
Adhemar de Barros	5.432	36 %
Jânio Quadros	5.256	34 %
José Bonifácio	4.558	30 %
Cid Franco	61	0 %

Fonte: Os resultados das eleições em Botucatu estão no jornal *Folha de Botucatu* (1935-1964)

Os números são bastante claros. A porcentagem de votos de Adhemar de Barros e Jânio Quadros, em Botucatu, está próxima da votação obtida por eles no estado. Contudo a votação de José Bonifácio foi mais expressiva em Botucatu, com 30 % dos votos contra 21,8 % da conseguida por esse candidato na abrangência estadual. Esse comportamento do eleitorado botucatuense pode revelar uma postura mais moderada, uma vez que entre os dois candidatos do Movimento de Março de 53, Jânio Quadros simbolizava uma postura mais radical que José Bonifácio.

Os resultados moderados do eleitorado botucatuense não são novidade. Processo semelhante ocorreu nas duas eleições anteriores para governador, a de 1954 e a de 1958, comprovando uma constante conservadora durante todo o período em questão. Com o intuito de aferir essa tendência colocamos a seguir as tabelas que apontam primeiro a eleição de 1954, com a votação geral do estado, e depois a tabela de votação com os números da eleição em Botucatu:

TABELA 3
RESULTADO DA ELEIÇÃO PARA GOVERNADOR (1954)

Candidatos	Votos	Porcentagem
Jânio Quadros	660.264	34,2 %
Ademar de Barros	641.960	33,3 %
Prestes Maia	492.518	25,5
Toledo Piza	79.783	4,1
Votos Brancos	38.239	2,0
Votos Nulos	16.967	0,9
Total	1.929.731	

TABELA 4
RESULTADO PARA GOVERNADOR EM BOTUCATU (1954)

Candidatos	Votos	Porcentagem
Prestes Maia	4. 614	37 %
Jânio Quadros	4. 227	35 %
Adhemar de Barros	3.022	25 %
Todedo Piza	314	3 %

O candidato que ocupava a terceira posição no estado, Prestes Maia, aparece em primeiro lugar em Botucatu. Oliveiros S. Ferreira, no já mencionado estudo sobre o comportamento do eleitorado nestas eleições, dividiu o estado de São Paulo em três áreas (Ferreira, 1960: 171). Essa divisão teve como critério o grau de urbanização e industrialização do estado. Estabeleceu as seguintes áreas: P1 a Grande São Paulo; P2 "cidades em volta da Grande São Paulo, formando uma área contínua", como Santos, Mogi das Cruzes, Jundiaí, Campinas, Limeira, Piracicaba e Sorocaba, e R, o restante do estado. Ferreira observou que o eleitorado de Jânio Quadros apresentou um perfil mais urbano e o eleitor da área R, na qual Botucatu se encontra, mostrou a tendência em votar na seguinte seqüência: Ademar de Barros, Jânio Quadros, Prestes Maia e Piza. Podemos constatar, portanto que o eleitorado botucatuense não se comportou de acordo com a tendência esboçada por Ferreira; ao contrário, a seqüência foi a seguinte: Prestes Maia, Jânio Quadros, Adhemar de Barros e Piza. Está evidente um fraco desempenho de Adhemar de Barros em Botucatu nesta eleição, e a preferência já observada do eleitorado por um candidato com aspecto prudente e não exacerbado, como Prestes Maia.

Com relação às eleições para governador em 1958, continuamos com a mesma metodologia. Colocamos primeiro os quadros da eleição no estado e depois a votação em Botucatu:

TABELA 5
RESULTADO DA ELEIÇÃO PARA GOVERNADOR (1958)

Candidatos	Votos	Porcentagem
Carvalho Pinto	1.312.017	48,5 %
Ademar de Barros	1.105.161	40,9 %

Marcos Alexandre Aguiar - Algumas questões político-partidárias e o perfil do eleitorado de Botucatu-SP na década de 50 e início dos anos 60

A. Moura Andrade	170.627	6,3 %
Votos Brancos	46.029	1,7 %
Votos Nulos	68.178	2,5 %
Total	2.702.012	

TABELA 6
RESULTADO PARA GOVERNADOR EM BOTUCATU (1958)

Candidatos	Votos	Porcentagem
Carvalho Pinto	7.420	62 %
Adhemar de Barros	3.874	33 %
Moura Andrade	624	5 %

Na eleição de 1958 podemos perceber uma situação parecida com a eleição anterior. A diferença de Carvalho Pinto para Ademar de Barros é bem maior em Botucatu do que no restante do estado. Demonstra-se a preferência por um candidato moderado nas eleições para o executivo estadual, a um com claras características personalistas. Temos ainda, para corroborar, o fato de que Carvalho Pinto era candidato situacionista, indicado por Jânio Quadros como seu sucessor.

Ao analisar a preferência do eleitorado botucatuense em relação aos governadores, uma questão naturalmente se apresenta: como a principal liderança botucatuense, ou seja, Emílio Peduti, realizava suas alianças estaduais, uma vez que a maioria dos governadores do período não pertencia ao seu partido, o PSD? Na sua primeira eleição para prefeito, em 1951, houve uma aliança entre o PSD e PSP. Nela o candidato a vice da coligação, Adolfo Pinheiro Machado, pertencia a este último partido e conseguiu se eleger com grande folga de votos. Na ocasião, o então presidente nacional do PSP, Ademar de Barros, esteve em Botucatu, formalizando o seu apoio para a coligação. Porém essa aliança não se manteve por muito tempo, apresentando um caráter momentâneo, específico para aquela eleição. O PSP botucatuense, personificado na família Paganini, foi o principal bloco oposicionista ao espectro político representado por Emílio Peduti.

A postura política de Emílio Peduti pode ser classificada como "situacionista". De acordo com a ascensão de um determinado líder político, este conseguia o seu apoio. A busca de alianças com quem fosse o governador fazia parte de uma estratégia política.

Novamente, a fala de Vasco Bassói relacionada com esta questão ilustra bem a afirmação anterior:

Eu comecei a fazer política com o Jânio Quadros. Na realidade o Sr. Emílio Peduti era um governista. Depois que Jânio ganhou a eleição, ele aderiu a Jânio Quadros. Concretizou-se como prefeito dando apoio a Jânio Quadros, governador e depois, nessas alturas eu passei a ser aliado político do Sr. Emílio Peduti. Na segunda eleição, que foi a candidatura do Carvalho Pinto, então nós fomos aliados. O Peduti, ele balanceava, era governista, fosse quem fosse, ele saía apoiando o governo. Então, com isso, com essa forma de pensar, ele tirou proveito.

Uma das características mais significativas dos governos de Emílio Peduti apresentou-se na sua supremacia na Câmara Municipal. Praticamente todos os vereadores lhe prestavam apoio nas decisões que precisavam ser tomadas. Ainda de acordo com Vasco Bassói, em momentos decisivos, Peduti sempre conseguia a aprovação dos seus projetos. Quanto à composição partidária da Câmara Municipal, no período de 1951 a 1963, temos os seguintes resultados na cidade de Botucatu:

TABELA 7
COMPOSIÇÃO PARTIDÁRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE BOTUCATU (1951 a 1963)

1951	1955	1959	1963
PSD 7	PSD 6	PTB-PSP 6	PSP 5
PTB 4	PSP 4	PSD 5	PSD-PTN 4
PSP 3	UDN 3	UDN 3	PTB 4
UDN 3	PTN-PSB 3	PTN 2	UDN-PDC-PR 4
	PTB 1	PR 1	

Fonte: (Donato, 1985: 98-9).

Ao observar esta tabela podemos fazer comparações com o que acontecia na política brasileira. Uma afirmação consensual entre os historiadores dedicados ao estudo da evolução partidária no período em questão refere-se a um declínio dos grandes partidos e um aumento dos pequenos. Naturalmente, não podemos falar numa superação dos grandes pelos pequenos. Bolivar Lamounier e Rachel Meneguello analisaram dessa maneira:

Desde a primeira metade dos anos cinquenta, eram claros os indícios de declínio eleitoral dos principais partidos - PSD e UDN, em benefício dos partidos mais nitidamente urbanos. Esta crescente igualização de forças não significa, exceto no caso do PTB, um realinhamento a favor de partidos com real capacidade

governativa, e sim uma fragmentação em partidos pouco expressivos e personalistas (LAMOUNIER, MENEGUELLO, 1986: 48).

Em relação à Câmara Municipal de Botucatu, podemos constatar o declínio do PSD. Em 1951 possuía sete vereadores, em 1963 diminuiu para quatro. Entretanto, em relação a UDN, não encontramos uma decadência; ao contrário, este partido manteve um número constante de vereadores. O aumento dos pequenos partidos, verificado em âmbito nacional, também ocorreu em Botucatu. Em 1951 havia vereadores apenas dos principais partidos, ou seja, PSD, UDN, PTB e PSP. A partir da eleição de 1955 encontramos PTN, PSB, PDC e PR. Outro fator apontado em relação à política nacional, já mencionado anteriormente, do aumento excessivo do número de alianças, também existiu no legislativo botucatuense. Em 1951 não havia nenhuma aliança, em 1955 e 1959 uma em cada eleição e, em 1963, duas alianças, envolvendo cinco partidos.

A fragilidade dos partidos era visível. Frequentemente um candidato ao legislativo apoiava mais de um candidato para o executivo. Dentro dessa conjuntura, a renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961, contribuiu para o agravamento desse quadro, dando início a uma crise política intensa. José Luis Fiorin mostra como os militares construíram um discurso elaborado para convencer a população brasileira de que João Goulart estava levando o país para o caos (Fiorin, 1988: 35). O resultado desta crise, não é nenhuma novidade, trouxe conseqüências terríveis para a nossa democracia. Desse modo, procuramos mostrar o caráter conservador do eleitorado botucatuense nas décadas de 50 e início dos anos 60, bem como algumas características da democracia brasileira que repercutiram na cidade de Botucatu.

Referências Bibliográficas

DONATO, H. *Achegas para a história de Botucatu*. 3. ed. Botucatu: Banco Sudameris Brasil: Prefeitura Municipal de Botucatu, 1985.

FERREIRA, S. O. Comportamento eleitoral em São Paulo. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Universidade Federal de Minas Gerais, v. 8, p. 162-228, 1960.

_____. A Crise de Poder do "Sistema" e as Eleições Paulistas de 1962. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Universidade Federal de Minas Gerais, v. 16, p. 179-226, 1964.

FIORIN, J. L., *O Regime de 1964 - Discurso e Ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.

Marcos Alexandre Aguiar - Algumas questões político-partidárias e o perfil do eleitorado de Botucatu-SP na década de 50 e início dos anos 60

HAYASHI, G. M. *A Gênese do Ademarismo (1938-1941)*. São Paulo, 1996. 149 p. Dissertação (mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

LAMOUNIER, B., MENEGUELO, R. *Partidos Políticos e Consolidação Democrática. O Caso Brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RAMIRES, F. *O Sal da Terra. Memória - História de Vida e de Luta*. São Paulo: 1997.

SOUZA, P. Eleições de 62: Decomposição Partidária e Caminhos da Reforma. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Universidade Federal de Minas Gerais, v. 16, p. 7-19, 1964.

Recebido em: 11/11/2006

Aprovado em: 15/12/2006